

HISTÓRIA LOCAL, ENSINO DE HISTÓRIA E ESTÁGIO CURRICULAR: UMA EXPERIÊNCIA NA UEFS

Carlos Augusto Lima FERREIRA*
Celeste Maria Pacheco de ANDRADE‡

Resumo: O artigo analisa a relação entre a formação do futuro profissional e o estágio curricular a partir de discussões teóricas que incorporam as contribuições da História Local. É resultado de uma experiência do componente Estágio Curricular Obrigatório IV do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Contemplando parte da ementa, a experiência enfatiza a produção de material didático para o ensino fundamental e médio, tendo como temática geral a história do município de Feira de Santana, desdobrando-se em questões específicas do interesse dos estudantes matriculados no componente. O objetivo principal do texto é problematizar aspectos da formação docente e de outros campos de atuação do profissional de História, considerando o estágio como uma das formas de solidificar o aprendizado da profissionalização.

Palavras-chave: Ensino de História; Estágio curricular; História Local

LOCAL HISTORY, HISTORY TEACHING AND INTERNSHIP: AN EXPERIENCE AT THE STATE UNIVERSITY OF FEIRA DE SANTANA

Abstract: The article analyzes the relationship between the training of future professionals and probation from theoretical discussions to incorporate the contributions of Local History. It is the result of an experience component of the Stage IV Course Required Bachelor's Degree in History from the State University of Feira de Santana, Bahia. Considering part of the component menu, the experience emphasizes the production of teaching materials for elementary and secondary education, with the general theme of the history of the city of Feira de Santana, unfolding on specific issues of interest to students enrolled in the component. The main objective of this paper is to discuss aspects of teacher education and other fields of the professional history, considering the stage as a way to solidify the learning of professionalism.

Keywords: History Teaching; Curricular Stage; Local History

*Professor dos cursos de História e Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. calfferreira@gmail.com

‡ Professora do Curso de História e do Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Professora do Curso de História e do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. celestpacheco@gmail.com

Introdução

O conjunto de dispositivos legais como a Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Resolução CNE/CP 1/2002 que instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura, de graduação plena e a Resolução CNE/CES 13/2002 que instituiu as Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em História tem apontado para as mudanças necessárias no universo dos cursos de licenciatura. Simultaneamente aos debates que originaram tais dispositivos, a comunidade acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a partir do ano 2004, desencadeou uma ampla discussão, com o objetivo de propor um novo currículo que atendesse as exigências desse cenário. No caso específico do curso de História, a proposta de reforma curricular sugeriu, enfaticamente,

[...] um currículo dinâmico e flexível possibilitando, assim, o exercício da autonomia, da prática investigativa associada à docência, superando a dicotomia estabelecida entre a Licenciatura e o Bacharelado. A formação complementar e interdisciplinar dará ao licenciado condições para que ele possa desenvolver competências que o possibilite suprir demandas sociais específicas relativas a seu campo do conhecimento. (PPC – HISTÓRIA/UEFS, 2004, p. 02).

É nesta perspectiva que a proposta buscou ultrapassar a organização curricular baseada em disciplinas estanques e fechadas, desenvolvendo um projeto que comprometesse docentes e discentes com um saber/fazer pedagógico englobando: a compreensão da complexidade da realidade social e dos determinantes históricos da docência; o domínio dos referenciais teóricos e pedagógicos para uma nova prática pedagógica necessária para que o ensino de História seja renovado continuamente.

Neste sentido, analisamos a relação entre a formação do estudante de História da UEFS e a experiência de estágio desenvolvida na sala de aula na experiência de elaboração de material didático pedagógico durante o ano de 2010. Para tanto, discutimos os temas formação docente, história local e estágio curricular em seus aspectos teórico-práticos. Não se pretendeu, entretanto, descrever as atividades realizadas, e sim mostrar os resultados do trabalho para a formação dos estudantes envolvidos na disciplina.

O artigo procura também contribuir com as reflexões produzidas na área de formação docente, notadamente para professores do ensino básico e acadêmicos dos cursos de História.

O Curso de História na UEFS

A sociedade passa, principalmente nos últimos anos, por muitas transformações que vêm provocando reflexões importantes; e a formação de professores não pode ficar alheia a elas. Nessa direção, é fundamental que o repensar das atividades educativas passe por novas formas de fazer e construir. A simples transmissão de conteúdos centrada nas “verdades” do professor já não atende às necessidades dos estudantes e, conseqüentemente, de uma formação que se pretenda transformadora e libertadora (FERREIRA, 2006).

A formação proposta no currículo do curso de História da UEFS visa buscar a superação da dicotomia entre a Licenciatura e o Bacharelado. A primeira, compreendida como o lugar de formação daquele que será apenas o transmissor do conhecimento – o professor –, ou seja, o ensino de História como simples repasse de informações. O segundo, visto como espaço onde se produz a pesquisa, o conhecimento. Entendemos que o conhecimento histórico é uma construção dos vários sujeitos. Há que se buscar, nesse sentido, a formação integrada do pesquisador e do professor, até porque o professor não pode ser considerado um mero reproduzidor do conhecimento, mas também alguém que o produz.

Dessa forma, devemos formar sujeitos habilitados para o ensino, a pesquisa e a reflexão crítica acerca da História e de seus processos, capazes de intervir na sociedade. Sendo assim, é essencial superar a visão de que a pesquisa não deve ou não pode estar afeita à formação do professor, até porque a pesquisa e a sua relação com o ensino e a educação são inerentes à docência, estando necessariamente presentes no exercício da profissão em qualquer nível ou modalidade de ensino.

A esse respeito, (KENSKI,1994) demarcou com precisão os desafios postos na formação com ênfase na reflexão e nas construções de estratégias teórico-metodológicas de estudo definidas pela indissociação entre ensino e pesquisa, oportunizando e despertando nos estudantes a

“... necessidade de que a prática de Ensino envolva comportamentos de observação, reflexão crítica, reorganização das ações, características próximas à postura de um pesquisador, investigador, capaz de refletir e reorientar sua própria prática, quando necessário.” (KENSKI, 1994:11).

A formação docente é um elemento gerador de cultura, de reflexão crítica e de novas possibilidades e não apenas e tão somente transmissora de conteúdos. Hoje, a formação necessita estar atenta às mudanças do currículo e do saber escolar e às novas organizações espaciais, ou seja,

uma formação que entenda a importância não só da aquisição de estratégias cognitivas, mas também do papel do estudante como responsável por sua própria aprendizagem.

Dessa maneira, durante a formação inicial, tem-se a possibilidade de expressar no processo pedagógico o gosto pela pesquisa e pela produção do conhecimento e de materiais didático-pedagógicos, de forma autônoma e criativa, que possibilite aos futuros professores ensinar História dando sentido e significado aos temas a serem desenvolvidos nos diferentes espaços educativos.

Constitui-se condição *sine qua non* que o futuro professor de História experencie, como aluno, em seu processo de formação, as atitudes, modelos didáticos e metodológicos, capacidades e modo de organização que venham a ser concretizados nas suas práticas pedagógicas. Por estes aspectos, o curso de História necessita ser um espaço de construção coletiva de conhecimento sobre o ensino e a aprendizagem.

Portanto, ainda que pareçam funções distintas no espaço de formação das licenciaturas, a pesquisa e o ensino, não se constituem em atividades à parte umas das outras. Bem ao contrário, a articulação ensino/pesquisa, assumem na dimensão do estágio supervisionado uma proposta metodológica e política de estar produzindo saberes a respeito da prática pedagógica, nesse sentido, “... a docência e o estágio devem ser entendidos como algo que permita o exercício da reflexão, da pesquisa, da cooperação e da ação para que possamos refletir, tomar decisões...” (BRITTO, 2010).

A formação do estudante de História, além dos aspectos pedagógicos desenvolvidos em aula, onde se inserem as oficinas de ensino, também envolve a dimensão prática realizada através do estágio. No geral, a discussão sobre o estágio restringe-se a uma visão meramente pragmática da academia e da instituição onde esta atividade se realiza sobre a inserção do formando no mercado de trabalho. De acordo com a legislação vigente na UEFS, para a área dos estágios nas licenciaturas, temos:

Artigo 1º – Entende-se por Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório, doravante denominado Estágio Obrigatório, experiências em atividades inerentes ao exercício profissional, no campo da docência, sob a supervisão e orientação direta do professor orientador, visando ao processo de aprendizagem para complementação da formação inicial do licenciando.

§ 1º – O Estágio Obrigatório constitui-se em um dos componentes curriculares das licenciaturas, de natureza articuladora entre o ensino, pesquisa e extensão, e deve ser iniciado a partir da segunda metade do curso com matrícula, duração e semestralização estabelecidas conforme Projeto Pedagógico dos cursos, em acordo com as normatizações legais em vigência, do MEC - LDB, CNE/CP01/2002, CNE/CP02/2002 e Diretrizes Curriculares Nacionais de cada licenciatura

(RESOLUÇÃO CONSEPE Nº 149/2009).

Entretanto, para além do que está definido na resolução que estabelece o regimento de estágios curriculares obrigatórios dos cursos de licenciatura, considerar o olhar crítico do formando com as experiências em estágios curriculares sobre o mercado de trabalho e seu processo de formação pode lançar luzes sobre outros mecanismos que venham a melhorar a qualificação profissional dos nossos universitários. Ao ingressar na atividade docente como estagiário, o estudante deve ser estimulado a ter uma posição crítica sobre as duas instituições envolvidas nesse processo: a universidade e a organização conveniada.

Na formação do professor se faz necessário uma nova concepção de estágio, visto que estamos em um mundo de transformações rápidas. O Brasil experimenta momentos de exigências para enquadrar-se em um modelo “globalizado” mesmo que a nossa sociedade ainda não tenha superado problemas básicos como fome, desigualdade social, analfabetismo, entre muitos outros de igual gravidade e que urgem soluções em curto prazo. A esse respeito, Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima, analisam:

Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual e os meios de informação e comunicação incidem com bastante força na escola, aumentando os desafios para torná-la uma conquista democrática efetiva. [...] Transformar as escolas e suas práticas e culturas tradicionais e burocráticas – que, através da retenção e da evasão, acentuam a exclusão social – em escolas que eduquem crianças e jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento cultural, científico e tecnológico e assegurando-lhes condições para fazerem frente às exigências do mundo contemporâneo [...]. (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 89)

Sabemos que o mundo do trabalho requer, cada vez mais, um profissional que saiba transitar, crítica e criativamente, por sua área de conhecimento específico e, ao mesmo tempo, que seja capaz de dialogar com os profissionais das demais áreas. Esse exercício de estar em constante diálogo com as demais áreas do conhecimento é um desafio enfrentado pelo professor que irá para o ensino fundamental e médio. Sua ação pedagógica será mais eficiente na medida em que suas práticas tenham como base as vivências experienciadas em sua formação acadêmica.

O eixo dos estágios na estrutura curricular

De acordo com o projeto pedagógico do curso de Licenciatura em História – PPC – da UEFS, os estágios curriculares fazem parte do Macro componente II: História e Educação,

constituído de Prática Educativa I, II, III e IV, com carga horária de 390 horas e Estágio Curricular Obrigatório I, II, III e IV, cuja carga horária é de 405 horas, e, segundo o PPC refere-se a dimensão prático-pedagógica, incluindo “atividades práticas e os conhecimentos pedagógicos indispensáveis à formação docente em História”. Para os limites deste artigo, nos detemos aos estágios curriculares com foco no Estágio Curricular Obrigatório IV, que define na sua ementa: “desenvolvimento de projeto orientado de cunho teórico prático, vinculado à prática de ensino de História preferencialmente centrado num dos seguintes tópicos: planejamento e elaboração de material didático; linguagens no ensino de História. Regência na educação básica: levantamento de dados referentes à realidade da escola e de possíveis temas para a pesquisa e elaboração de artigo”.

O estágio tem por objetivo oferecer aos alunos oportunidades para que eles vivenciem a realidade escolar mediado pelos conhecimentos adquiridos durante o curso, preparando-os para o exercício profissional. Em sentido amplo, o estágio compreende, além das atividades em situação docente/discente, que colocam o futuro educador em contato direto com os estudantes da educação básica, quaisquer outras atividades em situações diversificadas, que possam contribuir para o enriquecimento da sua formação profissional. O Estágio Obrigatório estende-se a toda atividade, que o aluno-mestre realize, visando a sua formação como educador. Na sua estrutura abrange, além do exercício da observação no ambiente escolar, a regência compartilhada e a regência de classe em sala de aulas, pesquisas de campo, visitas a instituições da comunidade, cursos intensivos para enriquecimento profissional, na escola e em outros ambientes educativos. Em sentido restrito, limita-se ao contato do aluno com os educandos e com o processo ensino/aprendizagem, dentro ou fora da sala de aulas.

O projeto do Curso de Licenciatura em História da UEFS está em consonância com os dispositivos legais vigentes e fundamenta-se na articulação da teoria com a prática, possibilitando ao aluno relacionar a realidade com as discussões teóricas presentes na sua formação inicial. Nele teoria e prática fazem parte da mesma relação de ensino e aprendizado. De acordo com o PPC:

A intenção é garantir-lhes maiores possibilidades de escolhas entre diferentes componentes curriculares (disciplinas, seminários, mini-cursos, salas de leituras e etc.) a partir dos seus interesses de ensino e/ou investigação/pesquisa. Afinal, o exercício da autonomia na construção do conhecimento e da trajetória profissional é fundamental numa sociedade que, velozmente, vêm reorganizando relações de trabalho, padrões de comportamento e expectativas para o futuro. Mesmo porque ter em vista os horizontes de inserção profissional dos alunos é uma das atribuições da universidade, principalmente quando se observa a ampliação dos espaços de atuação dos profissionais da área. Nesse contexto, consideramos que, mesmo sem abrir mão da identidade de um curso de LICENCIATURA EM HISTÓRIA,

devemos primar pela formação de profissionais que possam se integrar com desenvoltura a espaços de educação e na prática da investigação historiográfica. (PPC, HISTÓRIA – UEFS, 2004, p. 5).

Nesse sentido, há que se considerar uma ênfase em atividades práticas de forma a favorecer a vivência das questões da História em situações concretas levando os estudantes ao desenvolvimento das habilidades e competências específicas. O estágio como atividade obrigatória inserida na estrutura didático-pedagógica do curso de Licenciatura em História destina-se à formação do profissional docente para atuar nos espaços formais da educação básica (escolas públicas de ensino profissionalizante e regular e também classes de educação especial e programas de Educação de Jovens e Adultos, projetos educativos desenvolvidos por museus, instituições culturais e/ou sociais, fundações, bibliotecas etc).

Portanto, o papel do estágio obrigatório na formação do estudante do curso de Licenciatura em História poderá contribuir com a construção e elaboração de conhecimentos didático-metodológicos relativos aos conteúdos específicos orientadores do exercício da docência e da prática pedagógica, garantindo a inserção do estudante no contexto profissional. Nesse aspecto, a experiência que ora relatamos, contempla esse aspecto da formação onde o estudante deverá desenvolver as suas habilidades de pesquisa e produção de material didático para o ensino fundamental e médio.

Reflexão sobre a experiência vivenciada

A experiência que relatamos e avaliamos foi desenvolvida a partir de uma revisão/reformulação da ementa do componente Estágio Curricular Obrigatório IV, durante o ano letivo de 2010, com matrícula de trinta alunos na turma, cuja metodologia orientou-se com a perspectiva da História Local, campo de observação que “na investigação de universos materiais e culturais de grupos sociais ou parcelas espaciais de um país, os recursos metodológicos da *história regional e local* possibilitam alcançar até o cotidiano comunitário e familiar” (NEVES, 2002, p. 9).

Para o desenvolvimento dos objetivos do componente trabalhamos com exposição e discussão sobre a temática História Local baseado em bibliografia especializada a apresentação dos formatos dos TCC, em andamento, de forma que os estudantes pudessem, na medida do possível, relacionar a atividade de pesquisa com a produção do material didático. Outras atividades foram oficinas com exposição de monografias, projetos e artigos; organização de grupos para exposição

dos seminários versando sobre fontes históricas; preparação de aula de campo; oficina de aula de campo a partir da História Local; discussão de textos com base em bibliografia; apresentação e discussão do projeto de pesquisa em andamento por parte dos alunos e, exercícios com ênfase à elaboração de um manual didático para o ensino fundamental e/ou médio, tendo como tema a História Local.

Feita a problematização tendo como referencia a História Local e tendo como realidade a ser estudada a história do município de Feira de Santana, o passo seguinte foi o levantamento documental realizado nos arquivos. Nesse contexto buscamos aproximar o conhecimento do cotidiano com a necessidade de realização de pesquisa, procurando aguçar as ideias e olhares dos alunos sobre suas realidades. O objetivo era fazer transparecer para eles o sentido que pode ser dado ao se estudar história, e mais, compreendê-la como um conhecimento numa perspectiva histórica em construção no qual somos sujeitos.

Na tentativa de compreendermos a História Local não negligenciamos fazer uma relação entre a História Regional e Nacional; enfatizamos a relação histórica dessas dimensões. Ao fazermos essas delimitações didáticas, compreendemos que essas relações histórico-sociais não se dão de forma fragmentadas e que as fronteiras entre o local, regional e nacional são fundamentalmente metodológicas. Com base nestes princípios e considerando o curto período de tempo disponível, é que foram definidos os seguintes temas: *Escravidão, Pobreza em Feira de Santana, Formação do Bairro Feira X, Bairro da Rocinha, Mercado, Festa da Padroeira, A praça e fotógrafo lambe-lambe, Literatura em Feira de Santana, Micareta, Feira Livre, Criminalidade em Santo Antônio dos Prazeres, Mulheres trabalhadoras na Feira Livre, Vaqueiros e Grupos religiosos*. Mesmo considerando alguns desses temas foram selecionados levando-se em consideração que já eram objeto de estudo do TCC, preservamos a liberdade na escolha dos textos, autores e materiais didáticos.

Definido que o estudo da História Local estaria circunscrito ao município de Feira de Santana, recorremos, além de estudos específicos, a pesquisas a gerais que auxiliaram no sentido de fornecer um contexto sobre aquela realidade, ou seja, um território que “[...] situa-se na fronteira da região do Recôncavo com a dos tabuleiros semiáridos do Nordeste, dando seu nome a uma das dezesseis zonas fisiográficas do Estado da Bahia, constituindo-se o centro dessa região geoeconômica, com uma área de 19.728 Km²” (ANDRADE, 1990, P. 33).

A questão do estágio na UEFS e as relações escolas/instituições têm se constituído ultimamente em umas das preocupações centrais da formação. Isto porque o estágio curricular compõe uma etapa particularmente importante da formação inicial dos profissionais por ela formados, e, neste caso específico, os futuros profissionais de História. Nele, o estagiário trabalha em situação de observação e regência, sob orientação do regente de estágio¹, sendo também acompanhado por professores orientadores das disciplinas de Estágio Supervisionado do Curso de História.

Durante as aulas teóricas do componente Estágio Curricular Obrigatório IV enfatizamos a experiência proposta como espaço de aprender a construir novas possibilidades pedagógicas no seu processo de estágio motivando-os a reconhecerem nesta atividade uma forma mais dinâmica e um espaço para a produção pessoal e coletiva sobre o que se estava discutindo². Sobre isso, afirmou um estagiário:

Este trabalho de história local tem como objetivo evidenciar a importância do Dispensário Santana para o desenvolvimento do bairro Jardim Acácia, especialmente no que diz respeito às transformações ocorridas na vida das pessoas carentes que habitam este bairro e que são esquecidas pelo poder público.

A importância do estudo da história do lugar tem se mostrado ainda mais visível, nas últimas décadas, nas escolas, nas ruas, nas famílias, nas comunidades de que fazem parte, nos lugares onde se situam com suas particularidades.³ Fazer um estudo sobre esta instituição é de grande relevância, pois, além de, com sua grandiosa ação oportunizar uma vida mais digna para as pessoas mais necessitadas do referente bairro esta instituição também contribuiu consideravelmente para o crescimento do Jardim Acácia como um todo. (ESTAGIÁRIO A).

Nas atividades desenvolvidas nesta experiência buscamos possibilitar aos estudantes uma modalidade de estágio que não estivesse vinculada diretamente às salas de aulas na modalidade de regência – como é mais comum – mas uma atividade pautada na conexão ensino-pesquisa. Para viabilizar o trabalho, os estagiários, em número de trinta, foram distribuídos em duplas para desenvolverem as temáticas tanto no aspecto da construção do artigo teórico, quanto na elaboração de um material didático destinado ao ensino fundamental e/ou médio.

¹ Professor de História da escola conveniada e coordenador de estágio desta instituição.

² Confeção de material didático, pesquisa, leitura de artigos e textos, discussões em grupos, discussões nas aulas, consultas bibliográficas, relatos orais e relatórios escritos das atividades desenvolvidas durante os estágios do curso.

³ SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental*. Vol. 9 (1): 105-24, jan-abr. 2002, p. 107.

Neste sentido, o estágio se constituiu em um rico momento para a superação das atividades do *estágio supervisionado*⁴ comumente realizadas nos cursos de Licenciatura. Esta experiência oportunizou aos estudantes participantes a imersão nas fontes historiográficas, que constituem um dos elementos para a elaboração de produções acadêmicas e materiais didático-pedagógicos. A respeito da experiência segue a avaliação de dois estagiários:

O contato com as fontes auxiliares no processo de entendimento do estudante, sobre como o conhecimento histórico é construído metodologicamente, de forma que o estudante passa a entender de uma forma palpável como materialmente uma sociedade registra a sua história e a dos seus sujeitos, permitindo ao estudante se perceber, também, enquanto agente histórico. (ESTAGIÁRIO B).

O contato com os documentos elementos de suporte para a pesquisa desperta no graduando em História a certeza de que o contato com as fontes primárias é de suma importância para a formação do estudante... (ESTAGIÁRIO C).

A vivência nas aulas possibilitou o embasamento prático que, aliado ao teórico, os capacitou – ainda que em um tempo curto – para lidar com as questões pertinentes a documentação histórica. Esta melhor qualificação por certo irá contribuir para atender às necessidades específicas das atividades que deverão desempenhar quando do seu ingresso no campo de trabalho, quer seja na escola, quer seja em instituições de pesquisa. A propósito, convém lembrar Maria Isabel Cunha, para quem:

O desvendamento da prática é que, provavelmente, possa dar mais luzes à trajetória rumo à transformação, uma vez que não há mudança que não ocorra a partir do concreto, da realidade. A constatação de que a educação de professores tem sido mais efetiva pelas influências da prática cotidiana [no estágio] pode influir no repensar dos cursos de formação de professores. (CUNHA, 1992, p. 171).

Considerando que o período de realização do estágio é um momento singular da formação acadêmica, onde o estudante tem a oportunidade de integrar as informações teóricas com a prática, a proposta do estágio proporcionou a produção do conhecimento e superação do papel de passividade presente na simples reprodução de saberes. A experiência vivenciada possibilitou

⁴São atividades normalmente apresentados em formato de Relatório de Estágio desenvolvidas pelo aluno na escola onde atuou. Realizada muitas vezes com caráter meramente burocrática de atendimento a exigência curricular, tornando-a uma disciplina de complementação a sua formação.

ampliar os horizontes do processo de ensino-aprendizagem para além dos espaços das salas de aula, numa perspectiva crítico-reflexiva, premissa para uma educação que se pretende transformadora.

Donald Schön, idealizador do conceito de Professor Prático-Reflexivo, defende uma formação de professores que busque a superação do modelo reprodutivista por outro que capacite o docente a refletir criticamente sobre suas ações. Para ele:

[...] a formação do professor não se dá em momentos distintos – primeiro a formação teórica e depois a experiência prática –, mas no diálogo da prática com a teoria. Ao refletir sobre a prática o professor desenvolve uma atividade investigativa que irá caracterizá-lo como produtor de conhecimentos práticos sobre o ensino, e não mais como um especialista técnico, que apenas reproduz estes conhecimentos. (SCHÖN, 1991, p. 75).

Sobre esses aspectos, estudantes participantes do estágio assim se expressaram:

Na formação do professor, a sala de aula não pode ser o único local de exercício da profissão [...] No estágio estamos tendo contato com documentos como, jornais de importantes períodos históricos [...] reconheço ser satisfatória a aprendizagem e as experiências desenvolvidas. Sendo muito útil para a sala de aula. Ajuda a superar o Livro Didático e buscar novos horizontes, como por exemplo, a produção de pesquisa [...]. (ESTAGIÁRIO D).

É indispensável para o 'fazer história' abrir espaços como esse para a participação dos educadores e educandos, num processo de aproximação com as fontes historiográficas, permitindo a ambos sentirem-se construtores desse processo histórico e não, apenas, meros reprodutores de livros didáticos. (ESTAGIÁRIO E).

O Estágio Curricular Obrigatório IV é a última fase do Macro componente II: História e Educação iniciada com as disciplinas de caráter pedagógico como: Escola e Docência, Políticas Públicas da Educação, Psicologia da Educação e Didática do Ensino de História. A experiência deste estágio contribuiu para a formação dos estudantes, no sentido de dar-lhes a oportunidade de ter contato com os documentos históricos e a produção do material pedagógico, favorecendo o processo de interação entre a teoria e a prática pedagógica. Sobre essa questão expressou um estagiário:

Em relação a produção do material pedagógico da História Local, foi uma experiência enriquecedora e trabalhosa. Produzir um artigo e posteriormente um texto didático sobre o bairro Pedra do Descanso ou sobre qualquer outro bairro, mercado, feira etc. permitiu perceber os caminhos viáveis e instigantes para produzirmos conhecimento histórico em sala de aula, valorizarmos o contexto

social e geográfico do aluno e conseqüentemente evitarmos o ensino tradicional e fundamentado apenas nos livros didáticos. (ESTAGIÁRIO F).

No processo da formação do estudante, necessário se faz considerar as questões ligadas ao trabalho docente. A prática do Ensino de História deve estabelecer nexos com a forma como a nossa sociedade organiza o trabalho em geral, posto que o trabalho pedagógico é produto de tais relações. Portanto, todo o trato com a disciplina escolar deve ter a preocupação em estabelecer uma articulação entre teoria e prática, conteúdo e forma, ensino e pesquisa. Sobre esse aspecto, Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima sinalizam que:

A clareza sobre a função do professor, como ator e autor social, tanto na escola como na sociedade, está no horizonte das nossas práticas de formação docente, incluindo o estágio. É necessário, pois, que as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação. (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 112).

O processo de ensino deve ser entendido como uma prática social do dia-a-dia da instituição educativa, neste caso, da sala de aula - *locus* dos professores. O ensino é um processo de trabalho, é um processo em movimento. O ensino não existe em si mesmo, mas na relação com a aprendizagem. Não existe ensino sem aprendizagem. A Prática de Ensino na formação do professor de História deve ser entendida como a articulação entre o domínio dos conhecimentos teóricos de uma área específica e um projeto político-pedagógico particular. As aulas, o relacionamento entre professores e estudantes, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação, as técnicas e dinâmicas de grupo, os recursos usados, revelam a compreensão e interpretação da relação sujeito-sociedade-natureza historicamente determinada. Essa relação constitui-se na Prática do Ensino, que deve a todo o momento, ser repensada para oxigenar a ação docente. Nessa linha de raciocínio, Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima asseveram:

[...] o *locus* do estágio se estende para além do espaço escolar e da sala de aula, configurando uma possibilidade de *leitura de mundo*, conforme Paulo Freire. Nessa perspectiva, o estágio tem o sentido de contemplação, trazendo elementos de compreensão da totalidade social que respinga na atividade docente e no cotidiano da sala de aula. Nesse caso, além do desempenho na sala de aula, o futuro profissional da educação vivencia a construção de uma visão mais ampla de atuação na escola, na organização do ensino, na comunidade e na sociedade (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 164, Grifos dos autores).

O que essas autoras analisam foi vivenciado na experiência prática deste estudante-estagiário, cujo depoimento ilustra o seu sentimento em relação ao estágio realizado:

O estágio é uma atividade que põe o formando em contato com o universo profissional [...] É indiscutível a necessidade que o professor de História tem de pesquisar e de colocar seus estudantes em contato com o universo da pesquisa. Assim, entendemos que a iniciativa da disciplina é fruto de uma visão mais ampla do papel do educador na sociedade do conhecimento e da sala de aula como algo mais amplo e mais dinâmico que o espaço físico das escolas [...]. (ESTAGIÁRIO G).

Para os estagiários, a elaboração de material didático pedagógico trouxe a possibilidade de problematizar questões referentes à sua formação e a outros campos de atuação do professor/pesquisador, percebendo a importância do estágio como um momento de aproximação da teoria com a prática, sendo elas o “núcleo articulador da formação profissional” (PIMENTA, 2004, p. 69).

Não basta conhecer e interpretar o mundo, é preciso transformá-lo (PIMENTA, 2004, p. 86). Neste sentido, o estágio no curso da formação inicial é um momento imprescindível, que proporciona ao aluno o contato com a realidade na qual o mesmo atuará. É um momento de análise espaço, por excelência, da relação dialética entre a teoria e a prática.

A atividade teórica é que possibilita de modo indissociável o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Mas para produzir tal transformação não é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente (PIMENTA, 2004, p. 92).

O estágio dessa forma, ao possibilitar a interação entre a teoria e a prática amplia horizontes e estimula o estudante a interpretar e problematizar a realidade, constituindo-se um espaço dialógico para a concretização da troca de experiências, capacitando-os a enfrentar os desafios postos nos espaços sociais.

Considerações finais

No universo da formação acadêmica o estágio é uma atividade que integra o conhecimento teórico e prático. Por conseguinte, assim como o processo de ensino, a pesquisa abriu novos caminhos para estes estudantes, permitindo outro olhar que se alargou na direção de uma história múltipla onde os testemunhos incluíram desde os documentos escritos aos monumentos e marcos das ruas dos lugares da cidade.

Além disto, a riqueza da documentação por certo, ampliou ainda mais o significado das fontes testemunhais, como forma evidente de dar voz aqueles, que conservam, de alguma forma, as historicidades locais. Ao enveredarmos por esta forma de desenvolver o estágio, pretendemos dar uma natureza participativa ao estágio e à pesquisa, para além dos espaços da sala de aula (na sua dimensão meramente física).

O estágio nessa experiência tornou-se um ambiente onde o exercício da reflexão da crítica da construção do conhecimento aprender a aprender foram o parâmetro para a socialização para a interação com as comunidades lócus das pesquisas Assim, ao dialogarem com a temática da História Local puderam vivenciar e investigar conteúdos que revelaram uma história plural e repleta de símbolos e vozes silenciadas ainda incipiente e tímida no que diz respeito às pesquisas sobre uma Bahia para além dos recantos do recôncavo.

Referências

ANDRADE, C. M. P. de. **Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial.** Salvador, UFBA, 1990, dissertação de mestrado.

BIANCHI, A. C. M. et al. **Manual de orientação do estágio supervisionado.** São Paulo: Pioneira, 2001.

BRITO, T. T. R. **O estágio supervisionado e a escola básica; movimentos e processos identitários junto à profissão professor.** 2010. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/2620/1/talamira_brito.pdf>. Acesso em: 29/06/2012.

Colegiado de História da UEFS. **Projeto de reforma curricular do Curso de História.** Salvador, 2004.

CUNHA, M. I. da. **O Bom Professor e Sua Prática.** Campinas/SP: Papyrus, 1992.

FERREIRA, C. A. L. La práctica y sus reflejos en la formación del estudiante de Historia: la experiencia en el Archivo Público de la Fundación Pedro Calmon. Havana, Cuba, 2006. In: **VII Taller Internacional de Problemas Teóricos y Prácticos de la Historia Regional y Local**, 2006, Havana.

KENSKY, V. M. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágio supervisionados. In: PICONEZ, S. C. B. (Org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** Campinas: Papyrus, 1994.

NEVES, E. F. **História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade.** Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia, 2002.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHÖN, D. A. Formar Professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.